

INSERÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS EM CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO: ASSENTAMENTO PARAISO DAS ACÁCIAS, RONDÔNIA

1 INTRODUÇÃO

As prosperidades de nações modernizadas foram construídas à custa da exploração colonial, perpetuando desigualdades que persistem até os dias atuais (Sachs, 2008). Superar essas desigualdades exige um compromisso com a justiça social e a construção de um sistema global mais equitativo (Freitas, 2022). No setor de alimentos já se destacou uma mudança no mercado, com os consumidores cada vez mais conscientes sobre a origem, produção e impactos socioambientais dos alimentos que consomem. Essa tendência gerou práticas de produção sustentáveis e certificações externas para atender essas novas critérios (Macedo e Binsztok, 2012).

Renting, Marsden e Banks (2017) introduziram o conceito de “paradigma de desenvolvimento rural”, que valoriza práticas agrícolas ambientalmente responsáveis e socialmente justas. Nesse contexto, as cadeias curtas de comércio surgem como uma alternativa às cadeias tradicionais, proporcionando maior transparência, proximidade entre produtores e consumidores, e promovendo o desenvolvimento local.

O objetivo desta pesquisa é investigar como os agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias, localizado em Candeias do Jamari (RO), se inserem nas cadeias escassas de comercialização. A análise busca compreender os desafios e as estratégias adotadas por esses agricultores, bem como o impacto dessa inserção no desenvolvimento socioeconômico e na sustentabilidade da comunidade. No contexto de Rondônia, as pequenas cadeias de comercialização de alimentos têm potencial para fortalecer a agricultura familiar, promover a segurança alimentar e nutricional e fomentar um sistema agroalimentar mais justo e sustentável

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento de comunidades que praticam um comércio não participante nas grandes cadeias produtivas, estão inseridas nos projetos de sustentabilidade, inclusão social e de mercado solidário, os quais se mostram urgentes e valorizados, conforme se verifica na Agenda 2030 promovidos pela Organização das Nações - ONU (Franzin e Leite, 2022).

2.1 CADEIAS CURTAS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS OU CIRCUITOS CURTOS

As cadeias curtas agroalimentares, ou circuitos curtos de comercialização, surgem como uma resposta dos agricultores à globalização do sistema alimentar, que frequentemente marginaliza pequenos produtores e favorece grandes corporações (Ploeg et al., 2000). Essas cadeias permitem que os agricultores recuperem o controle sobre a produção e a comercialização de seus produtos, promovendo relações diretas com os consumidores e valorizando a produção local e sustentável (Galton e Vanclay, 2009).

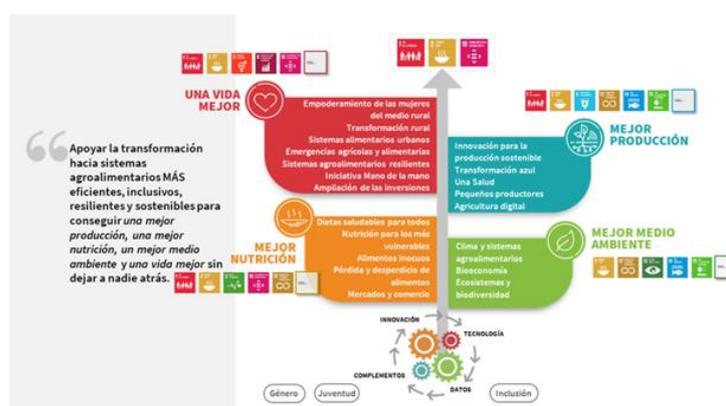
Belletti e Marescotti (2013) definem essas cadeias como sistemas com poucos intermediários entre produtores e consumidores, enquanto Goodman (2017) destaca que oferecem uma alternativa à economia tradicional ao incorporar valores sociais e culturais muitas vezes ausentes nas cadeias convencionais. Para Pierri e Valente (2015), essas cadeias melhoram a condição econômica local, ao oferecer produtos frescos e rastreáveis, atendendo à demanda por saúde e bem-estar. Renting, Marsden e Banks (2017) acrescentam que essas cadeias

promovem inter-relações entre os atores da produção e comercialização, com o objetivo de aproximar produções e

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA

O marco estratégico da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO para 2022-2031 se alinha à visão da Agenda 2030 da ONU, buscando um mundo sustentável onde a segurança alimentar seja garantida para todos. Para alcançar esse objetivo, a FAO propõe a transformação dos sistemas agroalimentares, figura 1, tornando-os mais eficientes, inclusivos, resilientes e sustentáveis (FAO, 2021).

Figura 1 - Marco de resultados estratégico da FAO 2022-2031.



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2021).

A Figura 1 representa visualmente a abordagem integrada da FAO para a transformação dos sistemas agroalimentares, destacando a importância de considerar as dimensões econômica, social e ambiental de forma equilibrada e interdependente (FAO, 2021).

Em 2014, a FAO divulgou um relatório que destacava a importância da agricultura familiar, indicando que 90% dos agricultores do mundo eram familiares e responsáveis por cerca de 80% da produção global de alimentos. Em 2021, a FAO atualizou esses dados, incluindo informações sobre o tamanho das propriedades. Essa atualização permitiu uma análise mais detalhada da agricultura familiar, revelando que a maioria das propriedades familiares no mundo possui menos de dois hectares. Essa constatação reforça a importância da agricultura familiar para a segurança alimentar global (FAO, 2021).

A agricultura familiar, como definida por Cribb et al. (2011), representa um modelo de produção que valoriza a família, o trabalho, o conhecimento local e a sustentabilidade, contribuindo para a segurança alimentar, o desenvolvimento rural e a preservação da cultura e do meio ambiente. E, nos termos da FAO (2021), um modo agrícola de produção, que engloba um ou mais ramos, como a pesca, pecuária, silvicultura e outros, onde a administração é feita por famílias, e os resultados conquistados estão atrelados ao desenvolvimento da renda, do respeito ao meio ambiente e valorização de saberes locais.

Desde a origem do campesinato a agricultura familiar esteve presente, sendo ela a responsável pela definição do contexto em que a família enquanto proprietária dos meios de produção, é o agente que também faz a roda girar, no sentido de produzir e gerir essa produção, sendo categorias endógenas e complementares (Felício, 2006).

Goodman (2017) destaca a tendência de busca por alimentos mais saudáveis, sustentáveis e com impacto social positivo e, as cadeias curtas de comercialização de alimentos emergem como uma resposta a essa demanda, oferecendo uma alternativa aos modelos

tradicionais de produção e distribuição. Ao encurtar a distância entre produtores e consumidores, as cadeias curtas proporcionam maior transparência, rastreabilidade e conexão com a origem dos alimentos (Ploeg, 2012).

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota um estudo de caso descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, conforme as diretrizes de Stake (2000). O estudo foi realizado entre abril e julho de 2022 no Assentamento Paraíso das Acácias, localizado no município de Candeias do Jamari (RO), envolvendo cerca de 152 famílias de agricultores familiares agroecológicos que praticam o plantio consorciado e participam de cadeias curtas de comercialização.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de captar as percepções, motivações, desafios e estratégias empregadas pelos agricultores em sua inserção nas cadeias curtas. As entrevistas permitem aprofundar a compreensão sobre a experiência dos agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias em relação à sua inserção nas cadeias curtas de comercialização de alimentos. Através delas, foi possível explorar as motivações, os desafios, as estratégias e os impactos dessa inserção, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os agricultores familiares são muito expressivos na região norte do Brasil, destacando nesta pesquisa, o Estado de Rondônia, onde o espaço rural e urbano está imbricado devido à sua própria natureza agropecuária, ecológica e socioambiental (EMATER, 2022).

Neste estudo buscou-se analisar o processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias nas cadeias curtas de comercialização de alimentos, tendo como unidade de análise a cadeia curta de produtores familiares agroecológicos. A escolha do município de Candeias do Jamari foi realizada levando em consideração a projeção de produção da agricultura familiar e os impactos decorrentes das cadeias curtas de comercialização na cidade, com diversas agroindústrias implantadas, como de polpa de frutas, de produção de pães, farinhas e derivados de mandioca.

A comunidade Paraíso das Acácias também comercializa semanalmente na Feira da Reforma Agrária, que acontece todas as quintas-feiras, no pátio do Incra, em Porto Velho, Capital de RO. Em consultas preliminares, observou-se o avanço da produção orgânica de abacaxis, mandioca/macaxeira, hortaliças e frutas.

Exemplificando, em 2014, o abacaxi teve produção registrada de 2.280 ante 2.808 da produção total de Porto Velho, Capital de Rondônia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mas que em dados de 2020, Candeias caiu para produção de 383 ante 2.650 de Porto Velho (IBGE, 2020).

Conforme investigação preliminar, as fontes secundárias pesquisadas, foram dados públicos e oficiais de entidades como: Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (EMATER/RO), Secretaria de Estado da Agricultura (SEAGRI), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Prefeitura Municipal de Candeias do Jamari e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quanto aos agricultores familiares do assentamento, foram analisados documentos de compra e venda de produtos, arquivos de divulgação e documentos de parcerias com fornecedores e compradores. As entrevistas seguiram a norma da exaustão, isto é, o encerramento da coleta quando fica evidente uma convergência e repetição de conteúdos nos

discursos (Fontanella; Ricas; Turato, 2008). Inicialmente foram entrevistados 5 produtores locais de culturas diferentes (maracujá, goiaba, mandioca, cupuaçu e feijão) e dois gestores de duas cooperativas/associações pertencentes à cadeia curta, totalizando 9 sujeitos.

A avaliação e descrição do processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos em cadeias curtas de comercialização no caso do assentamento paraíso das acácias foi considerado o papel dos atores na dinâmica comercial de Candeias do Jamari e Porto Velho no sentido de participação em feiras e eventos próprios, venda e comercialização, rentabilidade, logística e custos, a partir desse ponto, definido esse processo de inserção, como aderente.

Neste estudo, evidenciou-se: a proporção das feiras e ou iniciativas governamentais que representam uma alternativa de inserção comercial aos agricultores familiares; e 2 identificação das características fundamentais destas que representam alternativas de inserção comercial para agricultores familiares.

Nas entrevistas, emergiu das falas dos atores: (a) inclusão socioprodutiva de agricultores familiares; (b) fortalecimento de canais curtos de comercialização, circuitos regionais de produção e consumo e redes agroalimentares alternativas; e (c) construção de uma possível alternativa ao sistema agroalimentar hegemônico.

Inclusão socioprodutiva de agricultores familiares, conforme Neri (2019), a inclusão socioprodutiva observada nas entrevistas reforça a importância das cadeias curtas como ferramenta para combater a desigualdade social e econômica, especialmente em comunidades carentes, conforme apontado pelo autor.

A valorização do trabalho familiar e da gestão dos empreendimentos pelos próprios agricultores, evidenciada nas entrevistas, está em consonância com a definição de agricultor familiar presente na legislação brasileira.

A busca por melhores condições de renda e qualidade de vida, expressa pelos entrevistados, se alinha com os objetivos da agricultura familiar definidos pela FAO, que vão além da mera geração de renda, incluindo o desenvolvimento sustentável e a valorização dos saberes locais.

O desejo dos entrevistados de fortalecer as cadeias curtas e as redes alternativas ecoa o movimento de resistência à globalização do sistema alimentar, identificado por Ploeg et al. (2000), que impulsionou o surgimento dessas iniciativas.

A busca por construir um sistema agroalimentar alternativo ao modelo hegemônico, expressa nas entrevistas, converge com a visão de Goodman (2017) sobre os circuitos curtos como uma forma de economia alternativa que incorpora valores sociais e culturais.

A ênfase na cooperação, no desenvolvimento local e na aproximação entre produtores e consumidores, observada nas entrevistas, corrobora a definição de cadeias curtas proposta por Belletti e Marescotti (2013) e a busca por valorizar o conhecimento local e o papel do homem do campo, expressa pelos entrevistados, se conecta com a visão de Renting, Marsden e Banks (2017) sobre a importância de contrapor as cadeias curtas à agricultura industrial.

A busca por um sistema agroalimentar mais eficiente, inclusivo, resiliente e sustentável, expressa nas entrevistas, se alinha com os objetivos do marco estratégico da FAO, apontado na figura 1, que vê nas cadeias curtas um importante instrumento para alcançar a segurança alimentar e a sustentabilidade.

As falas dos entrevistados evidenciam que as cadeias curtas de comercialização de alimentos e a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares, no fortalecimento da economia local e na construção de um sistema alimentar mais justo e sustentável é possível e avança as estruturas da teoria, para a prática e os praticantes, quando há apoio e um olhar governamental. Esses resultados se conectam com as ideias de diversos autores que estudam o tema, reforçando a importância das cadeias curtas como alternativa ao modelo agroalimentar hegemônico e como ferramenta para alcançar os objetivos da Agenda 2030.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa explorou o processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias nas cadeias curtas de comercialização de alimentos. Através de um estudo de caso com abordagem qualitativa, evidenciou-se que essa inserção promove a inclusão socioproductiva, fortalece canais alternativos de comercialização e contribui para a construção de um sistema agroalimentar mais justo e sustentável.

As entrevistas realizadas revelaram que a participação nas cadeias curtas possibilita aos agricultores familiares o acesso a mercados, a geração de renda, a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento de sua autonomia. No entanto, também foram identificados desafios nesse processo, como a necessidade de maior apoio governamental, o fortalecimento das organizações de produtores e a conscientização dos consumidores sobre os benefícios das cadeias curtas.

Esta pesquisa demonstrou que as cadeias curtas de comercialização de alimentos representam uma importante estratégia para o desenvolvimento local, a inclusão social e a construção de um sistema agroalimentar mais sustentável. É fundamental que políticas públicas e ações da sociedade civil apoiem e fortaleçam essas iniciativas, a fim de ampliar seus impactos e benefícios para as comunidades rurais e para a sociedade como um todo.

Sugestões para pesquisas futuras:

- Analisar o impacto das cadeias curtas na segurança alimentar e nutricional das comunidades envolvidas.
- Avaliar a sustentabilidade ambiental das cadeias curtas, considerando o uso de recursos naturais, a biodiversidade e as emissões de gases de efeito estufa.
- Investigar o papel das tecnologias da informação e comunicação no fortalecimento das cadeias curtas e na conexão entre produtores e consumidores.

Ao aprofundar o conhecimento sobre as cadeias curtas e seus impactos, será possível construir um sistema agroalimentar mais justo, sustentável e inclusivo, que beneficie tanto os produtores quanto os consumidores e contribua para a construção de um futuro melhor para todos.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. The Economic Innovation of the short chain. In: GIARÈ, F.; GIUCA, S. (Ed.). *Farmers and short chain: Legal profiles and sócioeconomic dynamics*. Rome: Istituto Nazionale di Economia Agrária (INEA), 2013. p 43-57.

FAO, Food and Agriculture Organization. *The State of World Fisheries and Aquaculture 2020. 2020. Sustainability in action*. Rome. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/ca9229en>. Acesso em 22 ago. 2023.

FAO, Felipe Abreu. Países da América do Sul promovem consumo de pescado. 2021. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Brasil. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1539939/>. Acesso em 25 ago. 2023.

FELÍCIO, M. J. A conflitualidade dos paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário a partir dos conceitos de agricultor familiar e de camponês. *Campo-Território*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 14-30, agosto, 2006.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2008, v. 24, n. 1 [Acessado 5 Setembro 2022], pp. 17-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>>. Epub 11 Jan 2008. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

FRANZIN, S. F. L.; LEITE, U. T. (Orgs.). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: https://portal.ifro.edu.br/images/Jornalismo/03- Marco-2022/16-03/Livro_ODS_Boas_Pr%C3%A1ticas_para_a_Agenda_2030_V%C3%A1rios_Autores.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

FREITAS, Bárbara de Souza. Algumas representações da colonização na América: uma análise enunciativa. *Entretextos*, Londrina, v. 22, n. 1, p. 22–39, 2022. DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n1p22. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/43753>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GRALTON, A.; VANCLAY, F. Artisanality and culture in innovative regional agri-food development : Lessons from the Tasmanian artisanal food industry. In: **International Journal of Foresight and Innovation Policy**. 2009 ; v. 5, N. 1-3. pp. 193-204.

GOODMAN, D. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. *Cadeias curtas e redes alimentares alternativas*. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2017, 520p.

MACEDO, G. R. de; BINSZTOK, J. Associações dos Agricultores Familiares, Cafeicultura Orgânica e Comércio Justo na Amazônia: Dilemas e Perspectivas. *Revista Nera*, [S. l.], n. 10, p. 37–56, 2012. DOI: 10.47946/rnera.v0i10.1422. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1422>. Acesso em: 31 mai. 2024.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry; BANKS, Jo. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel das cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (Org). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas* Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 27-51.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado*. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) *Handbook of qualitative research* London: Sage, 2000. p. 435-454.

PLOEG, J. D.V. D.; HENK, A.; BRUNORI, G.; KNICKEL, K.; MANNION, J.; MARSDEN, T.; DE ROEST, K.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; VENTURA, F. (2000), *Rural Development: From Practices and Policies towards Theory*. *Sociologia Ruralis*, 40: 391-408. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>

PLOEG, J. D.V. D.; JINGZHONG, Y.; SCHNEIDER, S. (2012): *Rural development through the construction of new, nested, markets: comparative perspectives from China, Brazil and the European Union*, *Journal of Peasant Studies*, 39:1, 133-173 To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2011.652619>